

**Américo Junior Nunes da Silva  
(Organizador)**

# **Museu Pedagógico e Memória Educativa**

**Atena**  
Editora  
Ano 2020



**Américo Junior Nunes da Silva  
(Organizador)**

# **Museu Pedagógico e Memória Educativa**

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
M986	<p>Museu pedagógico e memória educacional [recurso eletrônico] /            Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa,            PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-185-5            DOI 10.22533/at.ed.855201307</p> <p>1. Educação. 2. Memória educacional. I. Silva, Américo Junior            Nunes da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo destrato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. Precisamos criar diferentes espaços de resistência a todos os retrocessos que nos estão sendo impostos. Esse livro, intitulado “Museu Pedagógico e Memória Educacional”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, a mulher negra, o trabalhador, a juventude rural, os professores em seus diferentes espaços de trabalho, pessoas com necessidades especiais...

Este livro, portanto, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional brasileiro, tendo a história e a memória como dimensões que potencializam o pensamento crítico. Os capítulos que compõe essa obra abordam, de forma interdisciplinar, a partir da realização de pesquisas, relatos de casos e revisões, problemas e situações comuns do contexto educacional.

Por fim, ao levar em consideração todos os elementos que apresentamos anteriormente, esta obra, a partir das discussões que emergem de suas páginas, constitui-se enquanto importante leitura para aqueles que fazem Educação no país ou aqueles que se interessam pelas temáticas aqui discutidas. Nesse sentido, desejo uma boa leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
PENSANDO A EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM MUSEUS: EXPERIÊNCIA NA CASA DA DESCOBERTA	
Valéria Menezes Rodrigues da Costa	
Kátia Arruda Dias	
Rosana Maria do Prado Luz Meireles	
Edicléa Fernandes Mascarenhas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8552013071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
MULHER NEGRA E EDUCAÇÃO SUPERIOR: IMPASSES HISTÓRICOS E ATUAIS	
João Paulo Lopes dos Santos	
Núbia Regina Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8552013072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
UM REVISITAR AS MEMÓRIAS EDUCACIONAIS: OS PRIMEIROS CURSOS DE MATEMÁTICA E AS IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR	
Américo Junior Nunes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8552013073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
ARTE E TRABALHO NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL DE SEGMENTOS DA CLASSE TRABALHADORA	
Isabel Cristina Chaves Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8552013074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>41</b>
JUVENTUDE RURAL NO IFNMG – <i>CAMPUS ARAÇUAÍ</i> : DESAFIOS E PERSPECTIVAS DOS JOVENS RURAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO TÉCNICA	
Fabiano Rosa de Magalhães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8552013075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>48</b>
<i>O CORTIÇO</i> NA SALA DE AULA: UMA RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA	
Irenice de Oliveira Silva Santos	
Maria Aparecida Antunes Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8552013076</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>58</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>59</b>



## MULHER NEGRA E EDUCAÇÃO SUPERIOR: IMPASSES HISTÓRICOS E ATUAIS

*Data de aceite: 01/07/2020*

*Data de submissão: 29/03/2020*

### João Paulo Lopes dos Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ

Rio de Janeiro-RJ

<https://orcid.org/0000-0002-5582-8097>

### Núbia Regina Moreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/  
UESB

UESB

Vitória da Conquista-Ba

<https://orcid.org/0000-0001-6171-6756>

**RESUMO:** Este estudo traz um breve debate sobre o processo histórico de escolarização da mulher negra no Ensino Superior brasileiro. Tem por objetivo analisar a relação dessa mulher com o campo universitário, bem como as nuances históricas que permeiam sua trajetória escolar. Por essa razão, torna-se inevitável tomar como ponto de partida noções como gênero, classe e raça enquanto rudimentos capazes de viabilizar a análise do cosmo social no qual estão inseridas. O trabalho possui abordagem qualitativa e é embasado por dados extraídos da publicação “Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil” do Instituto de Pesquisa Econômica

Aplicada - IPEA (2013). O estudo mostrou que a trãnsfuga de classe viabilizada pela formação no Ensino Superior as permitiu se situarem em espaços possíveis, e em lugares antes restritos às mulheres, sobretudo às mulheres negras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Superior. Processo histórico de escolarização. Mulher negra.

### BLACK WOMAN AND HIGHER EDUCATION: HISTORICAL AND CURRENT IMPASSES

**ABSTRACT:** This study brings a brief debate about the historical process of schooling of black women in Brazilian Higher Education. It aims to analyze the relationship of this woman with the university field, as well as the historical nuances that permeate her school trajectory. For this reason, it becomes inevitable to take as a starting point notions such as gender, class and race as rudiments capable of enabling the analysis of the social cosmos in which they are inserted. The work has a qualitative approach and is based on data extracted from the publication “Dossier black women: portrait of the living conditions of black women in Brazil” of the Institute for Applied Economic Research - IPEA (2013). The study showed that the transfer of class enabled by formation in higher education

permitted them to situate themselves in possible spaces, and in places previously restricted to women, especially black women.

**KEYWORDS:** Higher Education; Historical process of schooling; Black woman.

## 1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a mulher negra no campo universitário. Buscando apresentar o contexto histórico no qual se forja a trajetória de escolarização dessa mulher. O propósito é ensejar um breve debate sobre o processo histórico da escolarização no Ensino Superior da mulher negra no Brasil. A carência de oportunidades associada à pobreza são condições racializadas e historicamente constituídas, e devem ser interpretadas como tal.

Este é um estudo de abordagem qualitativa com delineamento bibliográfico. A produção de dados que contribuíram para solidificar o debate teórico deu-se mediante informações extraídas do “Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil” do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2013).

O trabalho se justifica na premissa de que a inferiorização do negro e de sua cultura ainda imprime marcas expressivas em diversos microcosmos sociais, notadamente na escola, em que as práticas educativas tendem a ressaltar a cultura europeia em detrimento das culturas indígena e negra.

Portanto, para ser democrática e cidadã, a instituição escolar dever inserir no bojo de suas discussões, como também nas suas práticas e no currículo, as questões de raça e gênero. Pois, “compreende-se, [...] que a escola, campo específico de educação, não é um elemento estranho à sociedade humana, um elemento separado, mas uma “instituição social” [...]” (O MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, 1932).

## 2 | UNIVERSIDADE E MULHER NEGRA: ITINERÁRIO EPISTEMOLÓGICO IMPRESCINDÍVEL AO DEBATE

Quando se pretende discutir o processo de subjetivação de mulheres negras, torna-se inevitável tomar como ponto de partida os conceitos que aglutinam o gênero, classe e raça, formando um todo monolítico. Assim, no processo de aperfeiçoamento acadêmico para a compreensão de como se desenvolve a elaboração social dos sexos, são engendrados rudimentos que possibilitam julgamentos das dessemelhanças entre homens e mulheres, as quais ainda perseveram na sociedade, uma vez que os espaços ocupados pelas mulheres estão marcados pela condição das relações de poder, de gênero, de raça e de classe, o que agrava ainda mais a composição do conhecimento, “pois a posição de poder nas relações de classe e de sexo, ou nas relações de raça e de

sexo, por exemplo, podem ser dissimétricas” (HIRATA, 2014, p. 61).

Para as mulheres negras, a temática gênero expõe vivências e reflexões que produzem uma perspectiva construída sobre a própria subjetividade e sobre o cosmo social no qual estão inseridas. Pode-se dizer que essa perspectiva holística abarca as interpretações das produções científicas em torno das experiências reais de mulheres de cor por elas mesmas. A mescla dos estruturantes gênero, raça e classe social busca desvelar a condição opressora que sucumbe as mulheres negras. Contudo, Scott (1995) nos adverte para o fato de que o tripé “gênero, raça e classe” insinua certa equivalência entre esses termos, porém, de fato, eles não possuem caráter análogo.

Nos estudos de gênero, ainda é bastante presente a relação de sujeição e dominação entre homens e mulheres, e tantas outras vezes deixa-se de lado categorias preponderantes para o desenvolvimento de uma epistemologia que precisa abordar o papel social e político da mulher (SILVA, 2016). As vivências delas não devem ser resumidas ou analisadas sob o prisma de uma identidade única, universal, geral. Ao contrário do ponto de vista feminista da classe média e branca, que concebe todas as mulheres como iguais, é imperativo refletir as vertentes racializadas de gênero e classe inerentes ao seguimento de mulheres que foram invisibilizadas pelo feminismo tradicional e subalternizadas por uma sociedade inexoravelmente patriarcal, racista e machista.

Assim, o feminismo negro é crucial e determinante para as mulheres negras. Além de tratar questões particulares do gênero feminino, o movimento de mulheres negras definiu políticas que passaram a abordar a identidade de gênero, fortalecendo esse discurso no movimento negro e também no de mulheres de cor, enegrecendo desse modo o feminismo (SILVA, 2016).

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil. O mesmo se pode dizer em relação à solidariedade de gênero intragrupo racial que conduziu as mulheres negras a exigirem que a dimensão de gênero se instituisse como elemento estruturante das desigualdades raciais na agenda dos Movimentos Negros Brasileiros (CARNEIRO, 2003, p. 120).

Ao abordar a mulher negra, o fator raça, usualmente, sobreleva a perspectiva de gênero. O debate atual sobre raça e seu conceito se encontra na esteira do campo social e político. Raça, então, é uma abstração ideologizada que suscita a opressão e a pseudo-hierarquização que superioriza alguns em detrimentos de outros, que valoriza os brancos/as em depreciação da alteridade dos negros/as, demonstrando dessa forma os lados opostos no jogo de uma relação de poder violenta. “Pois a raça para o racista é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, ou seja, as manifestações que estão relacionadas ao sujeito que sofre o racismo” (SILVA, 2016, p. 52).

Para Silva (2016), a distinção racial dificulta a mobilidade social do contingente negro

nos diversos espaços sociais, culturais, profissionais e educacionais, e isso se intensifica de forma veemente quando se insere nesses espaços as mulheres negras, que, não obstante, são triplamente, em muitos casos, discriminadas, por serem mulheres, negras e pobres.

[...] a teoria social crítica permite analisar a situação da mulher negra, assim como entender a supressão e a desvalorização do pensamento feminista negro pelas correntes teóricas dominantes. A teoria social crítica emerge como única possibilidade de se compreender as mulheres como grupo historicamente dominado, oprimido e que sobrevive ainda em condições socioeconômicas desfavoráveis (COLLINS, 2008, p. 100).

Segundo Collins (2008), a base teórica possibilita mostrar o conflito entre o segmento dominante e as mulheres negras, bem como expor as violências e sujeições às quais essas mulheres estão submetidas, e ainda, compreender a realidade das comunidades pobres e marginalizadas nas quais elas estão em maior número, confinadas em razão da escassez de oportunidades experimentada por elas e pelos homens negros. A conexão mulher negra X classe social se faz preponderante, posto que essa articulação é para visibilizar a exclusão dessa mulher enquanto sujeito cidadão de direito e autora de sua própria história (SILVA, 2016).

A estratificação social controla as aspirações materiais, as vivências e a flexibilidade para agir coletivamente. Organiza a aproximação aos meios de produção e talha as experiências nas atividades laborais e na prática do consumo, engendrando consequências secundárias em outros aspectos da vida social como o trabalho, renda, saúde, comportamentos, educação, etc. Por certo, as dessemelhanças sociais não devem ser traduzidas como desigualdades de classe, contudo, essas possuem funções cruciais no arranjo de outros modelos de desigualdades, como as de natureza racial e de gênero (BARATA, et al., 2013).

E quando se trata de mulheres negras, estudantes universitárias, o percurso de entendimento da realidade é indispensável, pois é a partir das interpretações de suas vivências, da leitura e releitura da ordem das coisas, que elas poderão operar a transmutação da coisa nomeada. É na independência relativa da estrutura que estudantes negras do Ensino Superior, em consonância com reivindicações coletivas, poderão lutar por ações e intervenções políticas que reconheçam seus direitos, os quais ainda são negados.

Em termos de pensamento científico, “o problema racial brasileiro está diluído no oceano das desigualdades sociais em geral” (PAIXÃO, 2003, p. 75). Destarte, a condição econômica das mulheres negras surge como um fator que implica dificuldades de diferentes maneiras. Essas condições, entretanto, definem referenciada na leitura de mundo e da própria vida de estudantes negras universitárias, a posição social que elas ocupam.

Mesmo indo de encontro às forças ideológicas e sociais que as empurram para longe de seus propósitos, as mulheres negras adentram às universidades com o objetivo de ocupar os espaços dos possíveis e se libertarem da condição de subalternizadas, bem

como na intenção de se construírem enquanto sujeitos políticos, capazes de transformar as condições em que vivem e desmistificar, na sociedade, a leitura pejorativa que fazem de seus corpos.

Nesse ponto de vista, como espaço elitizado, a universidade vai funcionar como instrumento capaz de possibilitar a essas estudantes negras o “direito de ocupar posições sociais, além de reduzir os efeitos de isolamento, associados à existência de espaços sociais dotados de seus próprios princípios de hierarquização” (BOURDIEU, 2015, p. 127).

Sobre o universo acadêmico, dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA para o ano de 2015 vão apresentar um quadro acerca da proporção de pessoas com 25 anos ou mais de idade com 12 anos ou mais de estudos com base nos marcadores raça e gênero. Os indicadores apontaram que, do público feminino, 20,2% possui 12 anos ou mais de estudos. Com relação ao masculino, a taxa é de 16,7%.

A população branca com 25 anos ou mais de idade e que possui 12 anos ou mais de estudos apresenta os seguintes índices: 24,4% para o contingente masculino e 27,1% para o feminino. Com relação às mulheres negras e aos homens negros na mesma faixa etária citada e com o tempo de estudo igual ao mencionado, a taxa é de 13,7% e 10,1% respectivamente (IPEA, 2015, [on line]).

Esse retrato demonstra que as mulheres possivelmente veem na educação superior um dos caminhos para a busca da autonomia, de melhores condições de vida e de ascensão social. Nos últimos anos, o número de mulheres nos espaços universitários vem crescendo, e se mantém constante.

Com relação aos homens, a taxa de escolarização no Ensino Superior também tem crescido, mas ainda não se iguala à das mulheres. Quanto aos negros e negras, houve, sem dúvidas, uma ampliação do acesso nas universidades para esse contingente, viabilizado, principalmente, pelas políticas de Ações Afirmativas. Ainda assim, as mulheres negras são minoria nas instituições de educação superior.

Observa-se que o Ensino Superior para o segmento branco da sociedade é uma realidade mais ajustada à suas características fenotípicas, provavelmente isso está relacionado ao fato de que o espaço acadêmico carrega estereótipos que o define como um espaço elitizado, branqueado e com fortes práticas eurocêntricas, as quais evidenciam a branquitude “como um constructo ideológico de poder, em que os brancos tomam sua identidade racial como norma e padrão” (MIRANDA, 2011, p. 17).

Os indicadores apresentados pelo IPEA, sobre aqueles/as que acessam o Ensino Superior brasileiro, corroboram para a reflexão de que a universidade ainda é excludente e se mantém como espaço reservado ao contingente branco e às classes elitizadas. Logo, “os detentores de um elevado capital escolar que, tendo herdado um elevado capital cultural, possuem, ao mesmo tempo, títulos de ascendência de nobreza cultural, [...] garantida pela família” (BOURDIEU, 2015, p. 79), como é o caso dos filhos das classes

abastadas.

A população negra, nesse contexto, parece caminhar a passos lentos quando se quer mencionar a sua trajetória em busca de uma certificação que lhe respalde certa ascensão social, e nessa circunstância, “o peso da posição social é muito forte e persistente no sistema escolar brasileiro” (BARBOSA, 2009, p. 161).

Nessa perspectiva, Bourdieu (2015) ressalta que:

A entrada na corrida e na concorrência pelo diploma de frações que, até então, havia tido uma reduzida utilização da escola exerceu o efeito de obrigar as frações de classe, cuja reprodução estava garantida, principal ou exclusivamente, pela escola, a intensificar seus investimentos para manter a raridade relativa de seus diplomas e, correlativamente, sua posição na estrutura das classes (BOURDIEU, 2015, p. 124).

Baseando-se no pensamento de Bourdieu, o diploma se configura como garantia de pertença em uma determinada estrutura social, ou seja, assegura um espaço nas classes sociais elevadas, ainda que o sujeito não seja detentor de um capital econômico valorizado. Desse modo, a universidade para os/as negros/as, no bojo desse debate, surge como um caminho possível de ascensão social e amenização da desigualdade. Esta desigualdade segundo Barbosa (2009) “não é apenas contabilidade de diferenças, mas um tipo de organização social específico [...] que transforma essas diferenças em desigualdades sociais” (BARBOSA, 2009, p. 18).

### 3 | ALGUNS APONTAMENTOS HISTÓRICOS

A primeira escola de ler e escrever fundada pelos jesuítas no ano de 1549 destinava-se à instrução cultural dos varões das famílias ricas e brancas da sociedade da época (STAMATTO [s. d.]). No período colonial, a instrução das mulheres foi convergida, quase sempre, para as tarefas domésticas.

No que diz respeito às mulheres negras, o acesso das mesmas à educação se deu por volta de 1720, período em que se registram os primeiros relatos de instrução da população negra na colônia (QUADRA, 2014). O direito ao ensino público para os negros somente foi outorgado no final de 1870 com a reforma do Ensino Primário e Secundário.

O ingresso das mulheres na universidade só ocorreu em 1837 nos Estados Unidos, com a fundação de universidades restritas ao público feminino, as *women's college*. No Brasil, as mulheres obtiveram o direito de estudar na universidade somente em 1879, conforme consentimento do então Imperador Dom Pedro II. Porém, a presença da mulher na universidade brasileira só se consolidou no final do século XIX, marcada pela inserção da primeira mulher em uma universidade do Estado da Bahia no ano de 1887, completando seus estudos em um dos cursos genuinamente masculino, a medicina.

Desde então, vem crescendo o número de mulheres ingressantes no ensino superior. Um estudo publicado no Portal Brasil mostra que no último ano do decênio, do total

estimado de 6 milhões de matrículas, 3,4 milhões foram de mulheres, contra 2,7 milhões de homens (BRASIL, 2015).

No que diz respeito à presença de mulheres negras nos espaços universitários, há uma deficiência na literatura em apresentar um movimento incipiente que evidencie em qual momento deste processo se deu o acesso das mesmas ao ensino superior brasileiro.

Contudo, é fundamental registrar as marcas que duas mulheres imprimiram na história da educação de mulheres negras no Brasil. Antonieta de Barros e Enedina Alves Marques. Duas mulheres negras que contrariaram as forças ideológicas e sociais do seu tempo, as quais as empurravam para uma direção oposta aos seus objetivos: a educação.

**Antonieta de Barros** (foto 1), filha de ex-escrava, nasceu em Florianópolis. Ingressou na Escola Normal Catarinense aos 17 anos, concluindo seu curso em 1921. Trabalhou como professora de Língua Portuguesa e Literatura, exercendo o magistério na maior parte de sua vida. Em 1934 foi eleita para o legislativo, tornando-se a primeira deputada estadual negra do país e a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Câmara Estadual dos Deputados de Santa Catarina.



Antonieta de Barros (Foto 1: Portal G1/2016)

**Enedina Alves Marques** (foto 2) foi a primeira mulher e negra a concluir o curso de graduação em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Paraná, em 1945. Enedina conseguiu quebrar paradigmas e ultrapassar os espaços hegemonicamente dominados pelos homens e brancos, tornando-se assim a primeira engenheira negra do Brasil (SANTANA, 2013).



Enedina Alves Marques (Foto 2: CEERT/2016)

Pode-se dizer que ser negro no Brasil é estar submetido a diversas formas de preconceitos e disparidades nos diversos setores da sociedade, sobretudo no educacional.

Segundo Marcondes *et al.* (2013), recentemente, a participação das mulheres negras no acesso ao ensino superior tem aumentado, seja por meio de políticas de expansão do ensino como o Programa Universidade Para Todos (*ProUni*), ou mediante ações afirmativas fomentadas pelo Estado (IPEA, 2013). No entanto, elas ainda são a minoria nos bancos das universidades.

Mas, se tem elevado o número de mulheres negras no ensino superior, porque elas ainda ocupam posições inferiores nos diversos setores da sociedade? Segundo dados do IPEA (2013), isso está relacionado ao fato do duplo preconceito que ainda permeia a sociedade brasileira: o de gênero, enquanto mulheres, e o de raça, por serem negras. Mesmo escolarizadas, muitas ocuparão postos de trabalhos menos valorizados. As mulheres negras ainda são a maioria no trabalho informal e no serviço doméstico, estas são provenientes das camadas mais pobres da sociedade (IPEA, 2013).

É importante ressaltar que algumas dessas mulheres, mesmo indo de encontro às barreiras impostas pela sociedade, ingressam na universidade, logrando posição exímia no meio social, no entanto, continuam a enfrentar as barreiras ainda existentes.

#### 4 | TECENDO CONSIDERAÇÕES

A educação para a mulher negra aconteceu de modo limitado em comparação àquela dispensada aos homens. Para os negros, a condição de aprendizagem era ainda degradante, haja vista sua condição estigmatizada pela cor de sua pele e pelas heranças escravocratas.



Apesar dos avanços, a frequência da mulher negra no ensino superior ainda é ínfima. Salvo as posições logradas por Enedina Alves Marques e Antonieta de Barros, a inserção da mulher negra na universidade contemporânea, quase sempre indica a ocupação, no mercado de trabalho, de cargos com menor prestígio e remuneração.

Neste cenário, é pertinente questionarmos que ações políticas e sociais se fazem preponderantes para que as mulheres negras ultrapassem as barreiras que enfrentam no ingresso e permanência no ensino superior? Sem dúvidas, é fundamental redesenhar na tela das desigualdades um caminho possível de equidade mediante políticas públicas, através de ações direcionadas à valorização das qualificações distintas adquiridas pelas mulheres negras no seu processo de escolarização, na forma de prestígio e remuneração de suas carreiras.

## REFERÊNCIAS

BARATA, Rita Barradas. et al. Classe social: conceitos e esquemas operacionais em pesquisa em saúde. **Rev Saúde Pública**; 47(4):647-55, 2013.

BARBOSA, Maria Ligia Oliveira. **Desigualdade e desempenho**: uma introdução à sociologia da escola brasileira. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. 2. ed. rev. 2. Reimpr. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.

BRASIL. Mulheres são maioria no ingresso e na conclusão de cursos superiores. MEC/2015.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**. Vol. 17, nº 49, São Paulo. Set/Dez. 2003. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008)>. Acesso em: 16 set. 2017.

COLLINS, Patricia Hill. Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. In: OSADA, Neide Mayumi; COSTA, Maria Conceição. **RECIIS – R. Eletr. De Com. Inf. Inov. Saúde**, Rio de Janeiro, 2008.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 26, n. 1, jun/2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979>>. Acesso em: 13 set. 2017.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. (2015). Disponível em:< <http://ipea.gov.br/retrato/apresentacao.html>> Acesso em: 10 jul. 2017.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília : Ipea, 2013.

MARCONDES, M. M.; PINHEIRO, L.; QUEIROZ, C.; QUERINO, A. C.; VALVERDE, D. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília : Ipea, 2013.

MIRANDA, Cláudia e PASSOS, Ana Helena. Lugares epistêmicos outros para os novos estudos das relações raciais. **Sociedade Brasileira de Sociologia**. GT 16, 2011. Disponível em: <[file:///C:/Users/usuario/Downloads/sbs2011\\_GT16\\_Claudia\\_Miranda.pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/sbs2011_GT16_Claudia_Miranda.pdf)> Acesso em: 15 de jul. 2017.

**O MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA (1932).** Revista HISTEDRB On-line, Campinas, n. especial, p. 188-204, ago. 2006. Disponível em:<[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes\\_escritas\\_gov\\_vagas.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas_gov_vagas.html)>.

PAIXÃO, Marcelo J. P. **Desenvolvimento Humano e Relações Raciais.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

QUADRA, R. R. **PROJETO PÉROLAS NEGRAS:** valorização da **diversidade cultural na escola.** Anais do congresso de pesquisa e extensão e da semana de ciências sociais da UEMG/Barbacena. v. 1, n. 1 (2014).

SANTANA, J. L. **Rompendo barreiras: Enedina, uma mulher singular.** Curitiba, 2013. Monografia (Bacharelado em História) - Departamento de Memória e Imagem do Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

SILVA, Daiana Severo da. **Gênero, raça e classe:** discursos de mulheres negras acadêmicas e mulheres negras comunitárias. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo, RS: 2016. Disponível em:< <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5179>>. Acesso em: 18 set. 2017.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

STAMATTO, I. S. UM OLHAR NA HISTORIA: A MULHER NA ESCOLA (BRASIL: 1549 – 1910). **Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRN.** Disponível em:<<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf>> Acesso em: 19 de nov. de 2016.

#### **Sites:**

CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades. Disponível em: < <http://www.ceert.org.br/noticias/direitoshumanos/7106/enedinaalvesmarquesaprimeiraengenheiranegradobrasil1913198> >. Acesso em 18 de nov. 2016.

Portal G1. Disponível em < <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/03/a-historia-da-deputada-filha-de-ex-escrava-que-inspira-ativistas-negras-no-brasil.html>> Acesso em: 21 de nov. 2016.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 1, 3, 4, 5, 9, 10

Arte 35, 37, 38, 39, 40

### B

Bahia 12, 17, 22, 23, 24, 27, 28, 30, 31, 34, 35, 48, 56, 58

Brasil 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 34, 35, 36, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57

### C

Classe 12, 13, 14, 15, 17, 20, 21, 37, 40, 52, 53

Classe Trabalhadora 37, 40

Comunicação 1, 3, 4, 5, 10, 32

Cultura 3, 13, 23, 27, 28, 29, 35, 36, 38, 40, 45, 58

### E

Educação 1, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 47, 58

Educação Inclusiva 1, 3, 4, 8, 9, 10

Educação Não Formal 4, 10, 11, 37, 40

Educação Superior 12, 16

Educação Técnica 41

Emancipação Humana 37, 38, 40

Ensino de História 48

Escolarização 12, 13, 16, 20, 25, 26, 50

Escolas Técnicas 41

Estrutura Social 17, 40

Experiência 1, 2, 3, 5, 31, 38, 39

### F

Feminismo 14

Formação Lúdica 22, 24, 32, 33, 34

### G

Gênero 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 37, 40, 43, 44, 47, 56

## H

História 15, 18, 21, 23, 24, 27, 28, 30, 35, 36, 38, 48, 49, 50, 53, 55, 56, 57

## I

Identidade Docente 28, 34

Institutos Federais 41, 42, 43, 44

## J

Juventude Rural 41, 43, 44, 45, 46

## L

Licenciatura em Matemática 22, 24, 31, 34, 58

Literatura 10, 18, 48, 49, 50, 56, 57

Ludicidade 2, 23, 24, 32, 33, 34, 58

## M

Mediação 2, 3, 7, 8, 34, 37, 38, 40

Memórias 22

Mulher Negra 12, 13, 14, 15, 19, 20, 53

Museu Casa da Descoberta 1, 2, 4, 5, 6, 9, 10, 11

Museu Pedagógico 57

## O

O Cortiço 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57

## P

Pesquisa 1, 2, 3, 10, 11, 12, 13, 16, 20, 21, 28, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 49, 50, 51, 57, 58

Processo Histórico de Escolarização 12

## S

Sala de Aula 4, 48, 56

Sucessão Rural 41, 43, 44, 46

## T

Trabalho 1, 3, 4, 12, 13, 15, 19, 20, 21, 23, 33, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57

## U

Universidade 2, 4, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 34, 35, 36, 37, 43, 56, 58

## V

Vale do Jequitinhonha 41, 42, 43, 44, 46, 47

# Museu Pedagógico e Memória Educativa

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# Museu Pedagógico e Memória Educativa

[www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br) 

[contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br) 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

[www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br) 